



FRAMES IN THE SPEECH OF THE CRISIS SERIES OF THE CLIMATE OF THE *FOLHA DE SÃO PAULO*

*Claudia Herte de MORAES*⁴²

*Mathias LENGERT*⁴³

RESUMO: O estudo apresenta uma análise sobre os enquadramentos discursivos da série de reportagens Crise do clima veiculada na versão digital do jornal *Folha de São Paulo* de abril a junho de 2018. A pesquisa discute o modo de produção desses enquadramentos discursivos (Moraes, 2016), na perspectiva teórico-metodológica da Análise do Discurso (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2007) que possibilitou definir cinco formações discursivas que tensionam os efeitos gerados pela crise climática em contraste com o enfrentamento da mudança do clima. A análise encontrou um tom alarmista e angulação dramática, com fraca ênfase nas possíveis soluções ao problema.

PALAVRAS-CHAVE: Crise climática. Jornalismo ambiental. Folha de São Paulo. Análise do discurso. Enquadramento discursivo.

ABSTRACT: The study presents an analysis of the discursive frameworks of the series “Climate Crisis” published in the digital version of the *Folha de São Paulo* newspaper from April to June 2018. The research discusses the mode of production of these discursive frameworks (Moraes, 2016), in the the theoretical-methodological perspective of Discourse Analysis (Pêcheux, 1995; Orlandi, 2007) that allows defining five discursive formations that strain the effects generated by the climate crisis in contrast to the confrontation of climate change. The analysis found an alarmist tone and dramatic angulation, with weak emphasis on the possible solutions to the problem.

KEY WORDS: Climate crisis. Environmental journalism. Folha de São Paulo. Speech analysis. Discursive framework.

⁴² Jornalista, doutora em Comunicação e Informação, professora Adjunta no Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM, campus Frederico Westphalen. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Mídiação – *Educomunicação e Meio Ambiente*. (CNPq/UFSM)

⁴³ Graduando em Jornalismo, bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq 2017 e FIPE JR 2018 (UFSM)

1. Mudança do clima: desafios do Jornalismo e da reportagem

Mudanças climáticas, aquecimento global e efeito estufa são exemplos de termos que têm ganhado destaque nas últimas décadas em diversos âmbitos da sociedade, desde os debates políticos de líderes mundiais chegando a conversas cotidianas das pessoas. Consequentemente, o tema passa a figurar na agenda jornalística com maior força. A assinatura do Acordo de Paris, durante a 21ª Conferência das Partes (COP) da Organização das Nações Unidas (ONU) e os relatórios constantes do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática (IPCC) são importantes mostras do andamento das discussões político-científicas do assunto.

Dando destaque à atualidade do tema, o estudo serve-se da Análise do Discurso Francesa (AD), de matriz pecheutiana, para discutir o funcionamento das Formações Discursivas (FDs) na série de reportagens “Crise do clima: no rastro do aquecimento global” veiculada na versão digital do jornal *Folha de São Paulo* em 2018, que explora o modo como os efeitos climáticos têm afetado localidades de três continentes. O presente trabalho compõe um recorte de um estudo mais amplo sobre a atuação do jornalismo de referência ao noticiar a mudança do clima.

O jornalismo sobre meio ambiente tem se consolidado a partir de importantes critérios de noticiabilidade (TRAQUINA, 2008), entre os quais se destacam catástrofes, conflitos e mortes. De fato, o jornalismo tem compromisso em noticiar desastres e tragédias, contudo seu papel não se limita a isso. Assim, o Jornalismo Ambiental toma força como prática interdisciplinar, que compreende as questões para além da especialização, atravessando as diversas áreas de conhecimento e integrando, por sua vez, a diversidade de vozes que as compõem (GIRARDI et al., 2012).

Noticiar as catástrofes ambientais, segundo Giddens (2010), tem sua importância por alertar a sociedade dos riscos vindouros e dos efeitos cumulativos da mudança do clima. Entretanto o autor previne que o Jornalismo não deve ficar à espera dessa forma de tragédia para informar sobre as alterações climáticas; afinal seu foco não deve estar na promoção pública do pavor e da comoção, mas no seu papel informativo. Ao noticiar sobre as ameaças climáticas, a construção discursiva dos riscos pode gerar alarmismo. Giddens (2010) observa a realização dessa prática na cobertura de catástrofes e seus desdobramentos dramáticos, que transmitem ao público uma impressão exagerada de risco que substitui a cautela. A pauta sobre problemáticas ambientais exige ainda a apresentação de caminhos e necessidade de posicionamento do indivíduo (BUENO, 2007). Entretanto as práticas

defendidas pelos pesquisadores em Jornalismo Ambiental ainda encontram barreiras nas redações, como afirmam Massierer (2011) e Villar (1997), que observaram que a exigência de rapidez da execução dos textos jornalísticos reduz a qualidade e a profundidade informacional das matérias e, conseqüentemente, do debate dos problemas socioambientais. Bueno (2007) observa a necessidade de um fazer jornalístico engajado, que se coloca em defesa do meio ambiente, garantindo que a prática não seja reduzida a perspectivas específicas e pontuais. Além disso, o Jornalismo Ambiental se compromete a ouvir os saberes locais, de modo a não restringir o enfoque em cientistas e autoridades políticas, afinal, são as diversas vozes que participam da problemática ambiental e tem suas opiniões a dar, buscando o comprometimento com uma visão participativa, sustentável e cidadã. (BUENO, 2007; GIRARDI et al., 2012; MORAES, 2016). Desta forma, propõe “buscar respaldo em olhares mais abrangentes, que possibilitem ver as conexões, superar a fragmentação reiterada.” (GIRARDI et. al, 2012, p.148).

Sua prática, embora dificultada pelos estilos das redações tradicionais, encontra um amplo espaço de desenvolvimento no meio digital. Isso ocorre pois o jornalismo nesses espaços se torna mais dinâmico, resultando em produtos com mais informações e possibilidades, como é o caso da reportagem que “tem na internet a melhor plataforma para o seu pleno desenvolvimento”, como defendem Di Fátima; Lapa (2017, p.2).

Além disso, a reportagem possui rigidez inferior quando comparada à notícia, principalmente àquelas relacionadas ao espaço e à objetividade (LAGE, 2006). Por outro lado, o interesse humano se torna uma necessidade, desenvolvendo-se a humanização do relato, que traz para o texto a natureza impressionista e literária. A forma narrativa toma importância, predominando nos textos (SODRÉ; FERRARI, 1986).

Com maior abrangência e informação, a grande reportagem possui extensão maior e envolve custos financeiros e humanos elevados. Para além das questões técnicas, simbolicamente “a grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia” (KOTSCHO, 2007, p. 71) por demandar mais tempo e espaço que os habituais produtos jornalísticos.

2. Discurso

O discurso é fundamentalmente o efeito de sentidos ocasionado na relação entre dois locutores (ORLANDI, 2012), como prática simbólica que se ampara na materialidade da língua. O sujeito, interpelado pela ideologia, constitui a partir dela a sua construção do “real”,

não necessariamente correspondente à ideia de “real” compartilhada por outros sujeitos e seus saberes (PÊCHEUX, 2008, p. 43).

Quanto aos sentidos, Pêcheux (1995, p. 160) os define como constituído “pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo socio-histórico” da construção de um dito. Assim, o discurso produzido por um sujeito é sempre filiado a uma formação ideológica (FI), constituída em determinado momento histórico e relacionada a uma formação social. A FI, é, portanto, condição necessária da existência de um discurso, assim toda formação ideológica sustenta uma formação discursiva (FD), posição de materialidade da ideologia. Para Pêcheux (1995, p. 160) “a formação discursiva é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Portanto, toda palavra tem o sentido determinado em enunciado, por se inscrever em certa FD. A partir da formação discursiva, a AD permite “[...] compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia” (ORLANDI, 2007, p. 43).

A ideologia é materializada no discurso como efeito do pré-construído, no qual, segundo Pêcheux (1995, p. 156), “um elemento irrompe no enunciado como se tivesse sido pensado ‘antes, em outro lugar, independentemente’”. A noção de pré-construído leva, por sua vez, ao interdiscurso. Segundo Orlandi (2007), é constituição do pré-construído, o esquecido, o já-dito, que possibilita todo o dizer, como também se estabelece pelo intradiscurso, que se caracteriza como a formulação do dizer.

O interdiscurso fundamenta a relação de tensionamento entre paráfrase e polissemia. O pré-construído se relaciona com a paráfrase por propiciar a manutenção de características próprias em cada dizer. A polissemia, pelo contrário, é a representação simbólica do rompimento para com os processos da memória, do já-dito (ORLANDI, 2007). É esse embate que faz com que o discurso não seja finalizado, pleno de sentidos repetíveis e esteja aberto à interpretação.

2.1 Discurso jornalístico e enquadramento discursivo

O Jornalismo “constitui-se não apenas como um lugar de acolhimento das compreensões sobre os variados processos sociais, mas se destaca como agente neste cenário, dispondo de regras e especificidades que operam na circulação de sentidos.” (SCHWAAB, 2007, p. 15). O discurso jornalístico é materializado, segundo o autor, a partir do atravessamento de diversas FDs, e busca se relacionar com outros discursos ao construir

conhecimentos. O discurso jornalístico é fundamentado na escolha “do que é dito e do que é silenciado” (SCHWAAB; ZAMIN, 2014, p. 55), o que caracteriza a necessidade de selecionar o modo de relatar os acontecimentos e definir as informações que serão empregadas no relato, isto é o enquadramento jornalístico (MORAES, 2016).

O enquadramento se fundamenta na visão da notícia como uma construção social (ALSINA, 2009). Traquina (2008) afirma ser a notícia constituída pela cultura profissional da tribo jornalística e a cultura geral na qual a tribo está inserida sendo que “o mundo oferecido aos leitores/espectadores é uma ‘imagem refratada’ que passa através de um ‘prisma’” (p. 25). Conceito emprestado dos estudos de Goffman, o enquadramento oferece padrões que possibilitam compreender como a realidade é recortada pela mídia a partir de critérios de seleção, ênfase e exclusão, organizando o discurso jornalístico em quadros (GITLIN, 1980). Para isso, se institui como com autoridade para representar a realidade a seu público (BENETTI, 2007, p. 39).

Tendo em conta as considerações sobre o enquadramento jornalístico e os fundamentos da AD, é possível então tecer a noção de enquadramento discursivo, que permite observar a oferta de sentidos na construção dos fatos relatados. (MORAES, 2016). Assim, o enquadramento pode ser caracterizado “como um processo no qual as interpretações, construídas simbolicamente pelo campo jornalístico, organizam discursivamente o conhecimento sobre o acontecimento, com marcas de seleção, ângulo e ênfase.” (MORAES, 2016, p. 104).

A escolha de determinados enquadramentos também pode refletir a estrutura do processo discursivo jornalístico, baseado nas FI (PÊCHEUX, 1995), na cultura da tribo jornalística (TRAQUINA, 2008) e a partir dos critérios de noticiabilidade. Com efeito, ao priorizar certos enquadramentos e não outros, há uma escolha jornalística e, sobretudo, um apagamento de outro quadro possível de determinada realidade. (MORAES, 2016).

3 Percorso teórico-metodológico

Este estudo faz uma Análise do Discurso de matriz pecheutiana, percebendo a noção de enquadramento discursivo (MORAES, 2016) como peça de articulação com as teorias da construção da notícia. A AD traz a necessidade de “construir procedimentos [...] capazes de abordar explicitamente o fato linguístico” (PÊCHEUX, 2008, p. 51). Dessa maneira, o estudo busca observar as regularidades e as tensões do funcionamento do discurso da série de reportagens “Crise do clima: no rastro do aquecimento global” veiculadas na versão digital do

jornal *Folha de São Paulo*. A série possui nove reportagens, ou capítulos, de 22 de abril a 12 de junho de 2018 - um por semana. A escolha da série se deu por ser um veículo de comunicação de referência, isto é, por ser imbuído de características como tradição, credibilidade, seriedade, apelo cosmopolita e orientação internacional (ZAMIN, 2014).

Devido à amplitude da série em se servir de recursos textuais de materialidade verbal, imagéticos e audiovisuais, optou-se por analisar a reportagem enquanto materialidade verbal. A pesquisa analisou 116 sequências discursivas (SDs) advindas dos nove capítulos da série que foram agrupadas em cinco FDs e seus respectivos enquadramentos, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Número de sequências, formações discursivas e enquadramentos do objeto de análise

Nº de SDs	Formações discursivas	Enquadramento discursivo
36	FD 1 – Rumo ao caos climático	Risco catastrófico
27	FD 2 – Vulnerabilidade humana	Tormento dramático
16	FD 3 – Efeitos climáticos	Primazia dos impactos
16	FD 4 – Enfrentamento da crise climática	Ações retardatárias
21	FD 5 – Conflito de deveres	Confrontos socioideológicos

Fonte: elaboração dos autores.

Partimos da compreensão das formações discursivas e suas relações com seus enquadramentos e sentidos, para discutir as interligações entre as FDs, em seus movimentos de articulação e tensionamentos.

3.1 No movimento de sentidos: caos, vulnerabilidade, enfrentamento e conflitos

Um texto, segundo Orlandi (2007), é composto de diversas FDs que, atravessadas, produzem sentidos amparado em articulações e tensões. Tais formações discursivas se colocam em disputa pelo domínio no texto. Assim, partindo do número de SDs componentes, podemos observar uma relação de domínio das FDs 1 – Rumo ao caos climático, 2 – Vulnerabilidade humana, e 5 – Conflito de deveres. São formações que, justamente, apontam para problemáticas (a serem) geradas pela mudança climática. Por outro lado, FDs 3 – Efeitos climáticos e FD 4 – Enfrentamento da crise climática possuem, quantitativamente, menos SDs. Contudo mesmo possuindo menor número de sequências discursivas, a FD 3 se alia às formações 1, 2 e 5 quando traz elementos para debate em torno de desastres, riscos e seus

prejuízos. Por sua vez, a FD 4 – Enfrentamento da crise climática destoa por apresentar possíveis soluções a partir dos planejamentos e decisões tomadas em relação aos problemas.

Na FD 1, é articulada a angústia quanto a um processo em expansão e que necessita de ações que revertam as consequências do aquecimento global. Seu discurso é construído pela lamentação e medo de um futuro que se configura como caótico. São propostas soluções urgentes, muito que ainda não se saibam como implantá-las. Assim, a série cumpre a necessidade do Jornalismo ambiental de noticiar sobre os riscos climáticos, alertando o leitor do que virá (LOOSE, 2015).

Na FD1 - Rumo ao caos climático, temos o enquadramento discursivo de “risco catastrófico”, compreendendo a ideia de que o futuro está à mercê de ameaças frequentes e intensas e que irão impor perigos inconvenientes.

A FD 2 indica os efeitos adversos da crise do clima quanto ao modo que as pessoas a tem sofrido. São abordados nesta formação discursiva os impactos já causados, apresentando assim sinais manifestos de alteração no quadro climático. A vulnerabilidade humana representa o aspecto mais dramático de uma catástrofe, por envolver o risco de morte e as condições subumanas de vida. Do ponto de vista técnico, essa FD compõe a humanização e a emotividade da reportagem (SODRÉ; FERRARI, 1986). Quanto ao enquadramento discursivo da FD 2, “tormento dramático”, destaca-se o sentido de que a humanidade padece de uma crise climática que causa traumas e conflitos.

As alterações no clima tem se tornado mais frequentes nos últimos anos, e assim, mobilizam-se saberes em torno da preocupação com seus efeitos. A FD 3 - Efeitos climáticos aborda os impactos de ordem ambiental e econômica, visto que impactos humanos já se incluem na FD 2. Neste ponto, a FD 3 oferece um tom negativo e pessimista em relação aos danos sofridos, que tardam a ser revertidos, desafiando a tomada de atitudes. Como enquadramento discursivo desta FD 3 há a “primazia dos impactos”, salientando-se, desta forma, os efeitos da mudança do clima com impacto contínuo, cada vez mais frequentes e exigindo que a prevenção ingresse nas agendas governamentais.

A FD 4 - Enfrentamento da crise climática aborda o empreendimento de esforços que visam trazer soluções para graves problemáticas ambientais. Essas medidas têm caráter de importância visto a necessidade de informar ao público um papel de mudança de atitudes (BUENO 2007). Assim se configura como necessidade em meio a sinais adversos, mas também aponta para uma necessidade da adoção de medidas mais profundas, indicando as

ações presentes como não satisfatórias. Esta FD apresenta um enquadramento discursivo como “ações retardatárias”, organizando os sentido em torno das medidas já tomadas que apenas retardam os efeitos da crise, apontando o enfrentamento como ação com caráter de urgência em um planeta que já enfrenta o potencial dos eventos climáticos extremos.

Por fim, a FD 5 - Conflito de deveres tem o enquadramento discursivo “confrontos socioideológicos”, trazendo uma matriz de disputas e pendências socioambientais, com discussões quanto a ações e responsabilidades pela crise climática. Deste modo, a FD 5 é norteadada pela ideia de que a crise climática origina críticas, questionamentos e debates entre grupos sociais ideologicamente opostos. Indica, ainda, posturas as quais grupos acreditam devam ser tomadas. Essa FD é articulada, em sua maior parte, pelas posições das fontes mostrando pontos de vista sobre a crise climática.

3.2 Efeitos *versus* enfrentamentos: articulações e tensões nas FDs

Amparados na noção de enquadramento discursivo, é possível pensar sobre os efeitos de sentido na articulação entre discurso e interdiscurso em cada FD. As articulações permitem observar que a série Crise do clima apresenta a mudança climática como uma conflagração desafiadora, que tem exigido novas posturas de combate, trazendo como efeito colateral conflitos entre grupos sociais. Os enquadramentos apresentados organizam os sentidos sobre a postura descuidada da humanidade, insuficiente para resolver o problema.

Entretanto, mesmo sugerindo a necessidade de medidas urgentes, a série de reportagens pouco especifica as maneiras de se contornar ou reduzir a alteração climática. Sobressai a permanência de um tom alarmista nas reportagens, que dificultam ao leitor compreender a sua importância e papel na mudança de ações pessoais e cotidianas que fomentam a crise climática.

A série alia vozes científicas - a partir de pesquisas que alertam para os riscos das mudanças - a vozes dos atingidos, de modo a explorar a dramatização das experiências vividas, e apontando para os impactos e prejuízos sofridos. Ambas as vozes presentes no discurso da *Folha de São Paulo* produzem sentidos que se incluem nas FDs 1, 2, 3 e 5. Por outro lado, o enfrentamento da crise é deixado em segundo plano, com sentidos pontuais e que não revelam, na sua maioria, uma solução eficaz, como é o caso do uso do lixo pelo povo Guna (Panamá) para manter as ilhas a salvo do aumento do nível do mar, caso trazido no primeiro capítulo da série.

Neste exemplo, a articulação das FDs apresenta um futuro impetuoso com o aumento no nível do mar que ameaça cobrir as moradias. Sem acesso à assistência e a informações científicas, o povo Guna observa a devastação das suas terras com ceticismo, em especial os idosos, encarando a mudança climática com desdém. Há o sentido de desamparo governamental e de um processo desesperador para impedir aumento do mar com o acúmulo de lixo, que acelerou a degradação ambiental.

Em outros capítulos, também é possível ver o uso de casos de insucessos quanto à mudança climática. Identificamos, a partir dessas observações, um tensionamento entre três grupos de FDs: os efeitos gerados, as discussões e conflitos acerca dos efeitos e riscos e, por fim, o enfrentamento desses efeitos. Com isso, podemos assentar que a série de reportagens “Crise do Clima” configura-se como local de contradições e transformações. Entre o cruzamento de sentidos, organizamos a articulação de três grupos de FDs, conforme Quadro 2.

Quadro 2 - Articulação de Formações Discursivas

Grupo Efeitos gerados	FD 1 – Rumo ao caos climático FD 2 – Vulnerabilidade humana FD 3 - Efeitos climáticos
Grupo Discussões e conflitos sobre os efeitos	FD 2 – Vulnerabilidade humana FD 3 - Efeitos climáticos FD 5 – Conflito de deveres
Grupo Enfrentamento dos efeitos gerados	FD 4 - Enfrentamento dos efeitos gerados

Fonte: Elaboração dos autores.

O grupo de FDs “efeitos gerados” avança os sentidos da mudança do clima em suas dimensões de presente e futuro. Dessa maneira, as catástrofes climáticas ocorridas nos últimos anos são usadas como sinais de um futuro caótico. Também temos que a exploração da

humanização das vítimas constrói um retrato temeroso do futuro e do que a natureza é capaz de realizar: tirar a vida de familiares, a residência e deixar assoladas comunidades inteiras.

O humanização no relato das vítimas é marcado por uma dramatização como tom de discurso nessas FDs. Também é marcada por uma angulação alarmista, o que causa, por fim, o pessimismo com o futuro. Diversos sentidos encontrados citam a mudança climática como inevitável e perpétua.

O segundo grupo, “discussões e conflitos sobre os efeitos”, indica um passo importante posterior aos efeitos climáticos gerados em desastres: a de discutir falhas, a existência e as razões de ocorrência. É justamente nesse grupo que se encontra uma articulação com demais FDs, pois se assenta em opiniões de fontes e da sociedade vitimizada. Os sentidos produzidos revelam que as discussões sobre as catástrofes são complexas. Buscam razões e culpas, mas não efetivamente uma solução ou alternativas para as problemáticas da crise. Despontam nesse debate climático da esfera pública diferentes grupos sociais: pesquisadores, vítimas, negacionistas da crise, governantes, etc., demonstrando a importância da questão para cada um destes atores.

Por último, o grupo “enfrentamento dos efeitos gerados”, com a FD 4, traz os esforços tomados para retardar ou sanar a crise climática. As ações de enfrentamento apontadas na série “Crise do Clima” possuem caráter duvidoso, já que algumas medidas citadas apresentam estudos negativos de viabilidade no longo prazo. Exemplo disso é a transposição do rio São Francisco, tema do capítulo dois, apresentada como uma solução ao sofrimento do povo do semiárido nordestino. Por outro lado, contudo, há pesquisas que indicaram que a transposição acelerou o processo de desertificação e salinização da terra na região (SILVA; FERNANDES; SILVA, 2017), questão não discutida na reportagem. A discussão de soluções para os problemas ambientais deve tratar de forma aprofundada os processos de adaptação e mitigação, trazendo ao leitor informações que coloquem as possíveis soluções em perspectiva.

O enfrentamento indicado pelo jornal está baseado nas afirmações de governantes e nas promessas de políticos e órgãos estatais, porém sem aprofundamento ou contestação sobre o que as fontes declaram. Fora o discurso de personalidades públicas, marcado pelo tom de compromisso com um melhoramento, os sentidos construídos pela *Folha* sobre o enfrentamento por parte das vítimas de catástrofes circulam em torno da adaptação. Assim, o enfrentamento da mudança do clima possui um tensionamento entre o discurso de órgãos públicos, empresas, poderes executivos em contraste com o discurso de vítimas e cidadãos. O tom de um compromisso dessas instituições para com uma mudança de atitudes no futuro está

em discrepância ao tom de urgência dos vitimados que, na falta de amparo governamental, buscam soluções temporárias que resultam, em alguns casos, em maior fragilidade do meio ambiente. O inverso também ocorre, quando poderes executivos procuraram soluções temporárias mas não definitivas.

Ao analisar o Quadro 2 podemos refletir sobre um possível tensionamento entre “efeitos gerados pela mudança climática” e o “enfrentamento dos efeitos”. O grupo “discussões e conflitos sobre os efeitos” é uma FD intermediária com sentidos que circulam em relação aos outros dois grupos, assim mantendo tensões diversas. O tensionamento, porém, é dado por um apagamento dos enfrentamentos. Para isso, a noção de enquadramento discursivo é importante: ao enquadrar os riscos, efeitos e a vulnerabilidade humana no discurso da série, as formas de enfrentamento são diminuídas no discurso. Os enquadramentos predominantes correspondem ainda aos principais critérios de noticiabilidade baseados no drama das vítimas e da situação vivida, muito mais do que em apresentar ao leitor alternativas que revertam o problema. Do ponto de vista dos estudos do Jornalismo Ambiental, essa questão é preocupante, pois gera no leitor a fadiga da atenção (GIDDENS, 2010) e revela que, embora a série esteja atenta à mudança climática, o foco está direcionado à exploração das situações desastrosas vividas por vítimas em locais longínquos. A apresentação do tema, desta forma, pode provocar um efeito de não-engajamento, atuando como um problema grandioso sobre o qual nada se poderia fazer, ou uma questão que atinge populações específicas e em extremos do planeta.

4. Considerações finais

A mudança climática tem propiciado um debate ideológico importante quanto à adoção de novas posturas na sociedade. Na observação da série de reportagens “Crise do clima: no rastro do aquecimento global”, a perspectiva da Análise do Discurso como aparato teórico quanto metodológico permitiu a observação dos movimentos de sentidos bem como a identificação da articulação e tensão das FDs. Esse tensionamento possibilita compreender como a série constrói o seu discurso: se ampara, em sua maioria, na narrativa de casos de catástrofes, de modo a enquadrar os relatos das vítimas explorando seus dramas vividos. Esses sujeitos conferem humanização às reportagens, explorando a insegurança e o medo que os vitimados carregam por eventos extremos. O pessimismo e o tom alarmista conferem a urgência que o assunto demanda na discussão pública.

Contudo, predominam os enquadramentos discursivos sobre os efeitos da crise climática. Na apresentação de alternativas para resolver ou contornar problemas são

apontadas soluções ineficientes e temporárias para as dinâmicas complexas que envolvem a mudança do clima. Por fim, a série busca em seus processos discursivos focar na crise de modo a indicar ao leitor sua existência e a maneira com que vem assolando grupos sociais diversos. Ela traz informações detalhadas produzindo assim um produto de excelência técnica. No entanto, há falta de uma proposta que traga o leitor como participante do problema (e da solução), pois apresenta uma crise climática ainda reservada à vida de algumas comunidades espalhadas pelo mundo, quando é notório que a mudança climática alcança a todos os povos, bem como as pessoas individualmente.

A análise sobre o tratamento dado às questões ambientais se justifica pela importância da crise climática bem como pelo potencial dos jornais de referência no agendamento do debate público do assunto. A série indica uma preocupação nas discussões públicas acerca da mudança climática, embora ainda pouco palatável ao leitor. Ao noticiar catástrofes de outros continentes sem inseri-lo como parte do processo, é reforçada a sua exterioridade com as problemáticas globais. Isso aponta para as dificuldades da sociedade contemporânea em compreender sua participação nas alterações do clima, tomar atitudes e cobrar medidas junto aos poderes públicos.

Com a análise do discurso realizada é possível indicar que tanto a sociedade, quanto o jornalismo, ainda precisam ampliar o debate sobre as escolhas que a atual geração faz e que devem buscar a mitigação e a adaptação frente a crise ambiental. Ao mesmo tempo em que o Acordo de Paris se apresentou como um ponto de inflexão importante neste cenário, é urgente que o debate seja aprofundado em relação ao modo de produção hegemônico na sociedade, que se impõe em nome de um progresso a qualquer custo, deixando um rastro de destruição ambiental.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BENETTI, Marcia. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. **Líbero**, n. 20, p. 37-46, 2007. Disponível em: <<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/632>> Acesso em: 9 abr. 2019.

BUENO, Wilson Costa. **Comunicação e Jornalismo Ambiental: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

SILVA, Polyana da; FERNANDES, Gerusa; SILVA, Rejane da. A transposição do rio São Francisco e a desertificação no município de Monteiro – PB. **Anais do III Workshop**

Internacional sobre água no Semiárido Brasileiro, v. 1, 2017. Disponível em: <editorarealize.com.br/revistas/aguanosemiario/resumo.php?idtrabalho=113> Acesso em: 23 abr. 2019.

DI FÁTIMA, Branco; LAPA, Tiago. A reportagem na internet: uma análise das transformações narrativas do webjornalismo. **XV Congresso Íbero-Americano de Comunicação 2017**, v. 1, 2018. Disponível em:

<<http://assibercom.org/ebook-ibercom-2017.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2019. p. 5434-5451.

GIDDENS, Anthony. **A política da mudança climática**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

GIRARDI, Ilza et al.. Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental. **Comunicação & Sociedade**. Editora C&S São Bernardo do Campo. v.34, n.1, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/5632>> Acesso em: 12 abr. 2019.

GITLIN, Todd. **The Whole World is Watching: Mass Media in the Making and Unmaking of the New Left**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1980.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LOOSE, Eloisa Beling. Pensando o Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos ambientais. **III Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo Ambiental**, v. 1, 2015. Disponível em:

<<https://anaisenpja.files.wordpress.com/2016/01/45-63-eloiisa.pdf>> Acesso em: 03 abr. 2018. p. 45-63.

MASSIERER, Carine. As rotinas de produção jornalística como o novo vilão do meio ambiente. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; LOOSE, Eloísa Beling; BAUMONT, Clarissa Cerveiro de. **Ecos do planeta: estudos sobre informações e jornalismo ambiental**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.

MORAES, Cláudia Herte de. **Rio+20 entre o clima e a economia: enquadramentos discursivos nas revistas brasileiras**. Bauru: Canal 6 editora, 2016. Disponível em: <http://www.canal6.com.br/livros_loja/Ebook_Rio20.pdf> Acesso em: 18 mar. 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2008.

SCHWAAB, Reges. Para ler de perto o jornalismo: uma abordagem por meio de dispositivos de análise do discurso. **Em Questão**, v. 13, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6134712>> Acesso em: 12 abr. 2019.

SCHWAAB, Reges; ZAMIN, Angela. O discurso jornalístico e a noção-conceito de interdiscurso. **Vozes e Diálogo**, v. 13, n. 01, 2014. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br//seer/index.php/vd/article/view/5387>> Acesso em: 24 mar. 2019.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.

VILLAR, Roberto. **Jornalismo Ambiental**: evolução e perspectivas. Laboratório Ambiental de Jornalismo, Agir Azul. Campo Grande, MT: UFMT. Out. 1997. Disponível em: <<http://www.agirazul.com.br/artigos/joriental.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2019.

ZAMIN, Ângela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 21, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/4955/495551017008/>> Acesso em: 9 abr. 2019.